

**MEMÓRIAS DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO INTERIOR DA PARAÍBA:  
MOYSES NIGRI E O ATAQUE A IGREJA ADVENTISTA EM BAIXA VERDE****MEMORIES OF RELIGIOUS INTOLERANCE IN THE INTERIOR OF PARAÍBA:  
MOYSES NIGRI AND THE ATTACK ON THE ADVENTIST CHURCH IN BAIXA  
VERDE**

**Resumo:** A Igreja Adventista do Sétimo Dia instalou-se na fazenda Baixa Verde na, então, vila de Queimadas no final da década de 1930. Em 1940, o prédio, no qual eram realizados os cultos, foi atacado por cerca de trezentos católicos que apedrejaram e espancaram o pastor Moyses Salim Nigri. O evento foi relatado no mesmo ano pela *Revista Adventista* por Jeronimo G. Garcia, que presenciou o ocorrido, e por H. O. Olson, presidente da Missão Nordeste. Nigri só descreve o ocorrido em 1960 e em 1964 na *Revista Adventista* e em sua biografia lançada em 2014. Este trabalho tem como objetivo analisar a biografia de Nigri, utilizando-se de uma perspectiva histórico-cultural, para compreender os conflitos religiosos que ocorriam em uma parte da sociedade paraibana do início da década de 1940.

**Palavras-chaves:** Adventismo. Protestantismo. Intolerância.

**Abstract:** The Seventh-day Adventist Church was installed on the Baixa Verde farm in the then village of Queimadas in the late 1930s. In 1940, the building, in which the services were held, was attacked by about three hundred Catholics who stoned and beat Pastor Moyses Salim Nigri. The event was reported in the same year by *Revista Adventista* by Jeronimo G. Garcia, who witnessed the event, and by H. O. Olson, president of the Northeast Mission. Nigri only describes what happened in 1960 and 1964 in *Revista Adventista* and in his biography released in 2014. This work aims to analyze Nigri's biography, using a cultural historical perspective, to understand the religious conflicts that occurred in a part of Paraíba society from the early 1940s.

**Keywords:** Adventism. Protestantism. Intolerance.

**Daniel da Silva Firino**  
Mestre em História pela  
Universidade Federal da  
Paraíba (UFPB)  
danielfirino@hotmail.com

**Carlos André Macedo  
Cavalcanti**  
Doutor em História pela  
Universidade Federal de  
Pernambuco (UFPE)  
carlosandrecavalcanti@gmail.  
com



<https://doi.org/10.4013/rlah.2022.1127.13>

## Introdução

Este trabalho utilizará a narrativa do ataque à Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) de Baixa Verde<sup>1</sup> (PB), descrita na biografia<sup>2</sup> de Moyses Salim Nigri<sup>3</sup>, para compreender os conflitos religiosos que ocorriam em uma parte da sociedade paraibana no final da primeira metade do século XX. A partir da década de 1980, tem crescido o uso da biografia para os estudos historiográficos, pois ela “tem sido considerada uma fonte de conhecimento do ser humano: não há nada melhor para se saber como é o ser humano do que se dar conta de sua grande variedade, em espaços e tempos diferentes” (Borges, 2008, p. 218).

Ao se fazer uso do estudo da biografia,

[...] trata-se de ter constantemente em presença as formas como os indivíduos e sua identidade são permanentemente inventadas e reinventadas: discursivas e materiais (suportes e técnicas de escrita da palavra), com mediações exteriores (a cidade, a religião, o poder) numa prática que é sempre implícita ou explicitamente coletiva (Malatian, 2008, p. 23- 24).

Nigri foi um pastor importante não só Brasil, mas também no cenário internacional da IASD. A sua biografia, publicada postumamente, tem o objetivo de utilizar-se de suas memórias para criar uma memória coletiva. A memória coletiva “é um sistema organizado de lembranças cujos suportes são grupos sociais e temporalmente situados. [...] Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão”

<sup>1</sup>Baixa Verde era uma região de plantação de algodão, habitada por algumas famílias adventistas que se reuniam na casa de um membro chamado Luiz Pereira. Ficava a 6 quilômetros da vila de Queimadas e a 18 quilômetros de Campina Grande (NIGRI, 2014, p. 61). Na década de 1930, Luiz Pereira comprou um prédio e o reformou para servir de templo da Igreja Adventista do Sétimo dia.

<sup>2</sup>NIGRI, M. S. **Sem fronteiras**: a envolvente história de um homem que marcou época. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. Biografia publicada quatro anos após a sua morte.

<sup>3</sup>Moisés Salim Nigri (1914-2010) era natural do Rio de Janeiro e filho de pai judeu e mãe católica, ele foi batizado aos 17 anos. No início da década de 1930, trabalhou como Office boy da Missão Rio-Minas. Em 1937, concluiu o curso teológico no antigo Colégio Adventista Brasileiro (atual Unasp – Universidade Adventista de São Paulo), onde conheceu a missionária lituana Maria Barr, com a qual foi casado por 57 anos e com quem teve quatro filhos. O pastor Nigri atuou como distrital na Paraíba e na Igreja Central Paulistana e serviu como diretor de departamentos de Associação em Recife, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Em 1952, foi nomeado presidente da União Sul-Brasileira, que na época compreendia as regiões Centro-Oeste, Sul e o estado de São Paulo. Em 1962, assumiu a secretaria da Divisão Sul-Americana, até que oito anos depois foi eleito vice-presidente da Associação Geral, função que exerceu por dez anos, como o primeiro latino a ter esse cargo na sede mundial da Igreja. Mesmo aposentado, trabalhou por quatro anos como Secretário de Campo da sede sul-americana (FALECIMENTOS, 2010, p. 37).

(MENESES, 1994, p. 15). Elas são moldadas, construídas e reconstruídas de acordo com o grupo que as invoca.

O relato sobre o ataque à IASD de Baixa Verde não é neutro. Ele foi moldado para retratar Nigri como um herói e dar estabilidade ao grupo social. Contudo, traz informações importantes sobre a sociedade da época. O evento descrito ocorreu durante as santas Missões marcadas pelo forte sentimento antiprotestante, disseminado por todo o Brasil na época, e que ganhou força a partir da década de 1920 com o movimento restauração Católica. Esse movimento possuía tendências ultramontanas, que se desenvolveu, principalmente, com a Proclamação da República e a decretação do Estado laico.

Até o fim do império, o Brasil possuía um acordo com a Igreja Católica Apostólica Romana, o *regime de padroado*. Segundo Sousa Júnior,

Através desse sistema o Rei de Portugal (no século XVII) e o imperador do Brasil (no século XIX) tinham poderes sobre a Igreja. Assim, cabia ao Estado o recolhimento do dízimo, o pagamento das côngruas do clero e até o direito de permitir ou não que uma encíclica papal ou qualquer outro documento chegasse ao conhecimento dos fiéis. Na ausência de estruturas independentes, surge a necessidade de financiamento ora realizado pelo Estado, ora realizado por instituições privadas. O Estado fiscalizava os religiosos, vigiava o ingresso de noviços, concedendo licenças limitadas para o acesso dos candidatos ao noviciado (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 13).

Desta forma, o catolicismo romano era a religião oficial do império, o qual deveria usar os seus poderes para garantir a supremacia do catolicismo no país. Logo, as outras religiões eram toleradas e suas atividades eram restritas. Não poderiam realizar proselitismo, ou seja, não deveriam fazer esforço para converter alguém, suas igrejas não poderiam ser caracterizadas como templos religiosos e seus membros não poderiam se casar e nem ser enterrados em cemitérios públicos.

O regime de padroado teve seu fim com a proclamação de república em 1889 e com o Decreto nº 119-A, de 07 de janeiro de 1890, do Estado laico que foi reafirmado com a Constituição Federal de 1891. A partir de então, os cemitérios foram secularizados, o casamento civil foi instituído e todas as religiões estavam livres das amarras do Estado. De acordo com Gonçalves,

[...] embora as principais denominações protestantes missionárias já estivessem instaladas antes de 1889, a República foi recebida com entusiasmo pelos protestantes no Brasil, que visualizaram na criação do Estado Laico o

anúncio de um novo tempo, que seria caracterizado pela expansão e crescimento das igrejas pelo país (GONÇALVES, 2010, p.161).

O protestantismo estava livre para se desenvolver, mas não era o único. Apesar de ter perdido o título e os benefícios de religião oficial, o catolicismo romano poderia atuar sem a autorização do Estado. Desta forma, poderia aproximar-se de Roma e, assim, agilizar o processo de *romanização*, que possuía ideais *ultramontanos*<sup>4</sup>. Com a romanização, a igreja começou a repensar e a modificar a sua estrutura interna e seu trato com os fiéis.

Assim, para fazer frente a essa situação política e garantir sua sobrevivência institucional, a Igreja procurou intensificar o processo de romanização da sociedade brasileira, usando, para tanto, estratégias no campo interno (congressos, abertura e reforma dos seminários, vinda de religiosos da Europa e unidade pastoral dos bispos), e no externo (comunicações públicas por meio das cartas pastorais e da imprensa, visitas pastorais, conferências e liturgias), que produziram sua reorganização no período que vai de 1889 a 1930 (CAVALCANTE NETO, 2014, p.8).

Segundo Dias (2008), houve um aumento considerável de dioceses no Brasil, saindo de 17, em 1990, para 80 em 1930. O objetivo era se fazer mais presente na sociedade para evitar perder espaço para outras instituições religiosas. Na década de 1920, surgiu a *restauração católica*, que teve:

[...] como marco simbólico a realização do Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, celebrado de 26 de setembro a 1º de outubro de 1922, no Rio de Janeiro, cujo tema foi “A restauração cristã do Brasil pela vida eucarística, principalmente na família, na infância e na mocidade”[...] Enquanto empresa de afirmação social do catolicismo, orientada pela defesa da “ortodoxia” combinada a um nacionalismo de matriz religiosa, a restauração católica carregava em si a negação dos elementos “descristianizadores”, como eram consideradas as denominações protestantes existentes no Brasil (SIMÕES, 2008, p. 35-36).

Com a restauração católica, o antiprotestantismo ganhou mais força. Dentre os vários autores antiprotestantes, convém citar o padre Julio Maria de Lambaerde (1878–1944), devido à sua extensa publicação. Sua fama o levou a receber a alcunha de martelo do protestantismo.

---

<sup>4</sup>Os adeptos e defensores dessas tendências romazidoras (centralização em Romana) são conhecidos como ultramontanos. Para eles, o centro de toda a vida da Igreja está na pessoa do Papa, representante direto de Deus na terra. Chega-se a afirmar que só é autêntica a ortodoxia católica emanada de Roma. Portanto, não basta ser católico, é preciso ser católico romano e obedecer às leis da Igreja romana (SOUSA JUNIOR, 2015, p. 26).

Alguns dos seus livros são: "*O perigo dos colégios protestantes* (1929), *Palhaçada protestante* (1929), *A mulher e a serpente* (1930), *Objecções e erros protestantes* (1932) e *Ataques protestantes às verdades católicas* (1934)" (Gonçalves, 2010, p.158).

Segundo Simões (2008), os protestantes eram representados<sup>5</sup> através do medo e do escárnio. Além disso, combatê-lo era um dever cívico, pois havia um *perigo protestante*, ou seja, eles estavam associados a uma suposta campanha imperialista norte-americana. Eram representados através do medo por serem associados ao *demônio* e ao *anticristo*. Lutero teria sido instigado pelo demônio para causar separação e destruir a *santa igreja*, instituída por Jesus. Assim, os protestantes eram ligados ao *diabo*, ao *demônio* e a *satanás* e aqueles que estivessem ao seu lado iriam para o inferno.

O recurso do escárnio era o mais comum nos escritos antiprotestantes, principalmente de Julia Maria. Eles eram ridicularizados e estigmatizados com o intuito de desclassificá-los e exaltar a igreja católica. As origens do protestantismo eram um dos principais alvos. Lutero era representado com *revoltoso, inimigo da igreja, bêbado, devasso, libertino, herege, bolchevista, pai das grandes heresias, bárbaro comunista* etc. Lutero e seus auxiliares eram ridicularizados como uma forma de desqualificar a reforma. Desta forma, todos os protestantes carregavam os mesmos erros e atingir as origens era o mesmo que atingir os seus seguidores.

Segundo Simões (2008), os pastores protestantes eram referidos como *exploradores, caluniadores, lobos devoradores, homens sem fé e sem moral, tratantes, ignorantes, fanático* etc. Enquanto isso, os sacerdotes católicos eram tidos como *homens de Deus*, que vivem para pastorear, *divinamente instituídos e autorizados, homens cultos, centrados* etc. Desqualificar os pastores tinha o objetivo de desqualificar as suas obras e suas palavras.

---

<sup>5</sup>“Mais do que um conceito de mentalidades, ela [a representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social; em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que irão fazer reconhecer uma identidade social exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa, simbolicamente, em estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instancias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou comunidade” (CHARTIER, 2002, p. 23). Para o mesmo autor, as representações são sempre determinadas pelo grupo social que os forjam, elas têm um objetivo. Nesse caso o objetivo era a classificação/ normalização da sociedade no qual toma- “arbitrariamente- uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa (SILVA, 2008, p. 83). Desta forma, os escritos antiprotestantes normalizavam a sociedade atribuindo a identidade religiosa católica como a padrão e correta, obtendo as melhores representações, enquanto os protestantes eram representados como o mal a ser combatido por serem retratados como tudo de mal da sociedade.

As bíblias protestantes também eram citadas nesses embates. De acordo com Vasconcelos (2005), as bíblias eram consideradas como adulteradas. Isso ocorria porque a bíblia protestante não possuía a mesma quantidade de livros que a bíblia católica e possuía diferenças em alguns textos ocasionados pela tradução. A bíblia católica era retratada como a correta e divinamente inspirada, enquanto a protestante, cheia de erros e demoníaca. Desta forma, em alguns casos, as bíblias protestantes eram recolhidas e depois queimadas em locais públicos.

O perigo protestante foi uma das principais formas de combate ao protestantismo. Utilizava-se a alusão histórica como forma de reafirmação da identidade, onde “intentava-se, assim, mesclar a história do país com a história da própria Igreja, como se ambos os elementos tivessem formado ao longo do tempo um só corpo que então se achava ameaçado pelo ‘espírito divisionista’ característico da história protestante” (Gonçalves, 2010, p.167). Desta forma, se os protestantes enfraquecessem o catolicismo romano, eles também estariam enfraquecendo o país e o deixando fragilizado para ameaças estrangeiras, como a norte-americana.

Como muitos missionários protestantes eram norte-americanos, o protestantismo passou a ser associado a uma campanha imperialista norte-americana. Segundo Gonçalves (2010, p.163), essa associação ganhou força e permaneceu durante as primeiras décadas do século XX, “haja vista o crescimento das investidas políticas e militares dos Estados Unidos e a progressiva perda de influência político-econômica da Inglaterra no continente americano”.

Ademais, houve o ressurgimento do pan-americanismo, que foi uma “reedição da Doutrina Monroe (1823) que teve como *slogan* a frase *América para os americanos* e que significou, na segunda década do século XIX, a convergência de interesses comerciais e políticos entre os países do continente e os Estados Unidos” (Santos, 2006, p. 156-58). Para alguns intelectuais e setores católicos, o protestantismo era um sinônimo de americanismo/imperialismo.

Outro fator que era utilizado para uma suposta ligação entre protestantismo e imperialismo norte-americano era a ideia de que a fé protestante era avessa aos valores culturais brasileiros, conforme Piedra (2002). Assim os protestantes estavam destruindo os valores e os bons costumes do país e introduzindo os valores e os costumes norte-americanos.

Em meio ao processo de romanização, a diocese da Paraíba<sup>6</sup> foi criada em 27 de abril de 1892, mas apenas em 1894 que Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques<sup>7</sup> assumiu a Diocese da Paraíba. Em 1914, a diocese tornou-se arquidiocese e, Dom Adauto, arcebispo. De acordo com Dias (2008, p. 102), “as medidas reformadoras na Paraíba eram pautadas pelos documentos episcopais do Brasil e pelas orientações do concílio Plenário Latino-Americano de 1899, que visava, em última instância, à implementação da romanização nas dioceses da América Latina”.

Dom Adauto, visando expandir a influência da igreja e seguindo as orientações romanizadoras, criou o Seminário Episcopal Nossa Senhora da Conceição e vários colégios destinados à “educação dos jovens paraibanos e potiguares, já na última década do século XIX e na primeira do XX” (Cavalcante Neto, 2014, p. 10). Também criou o jornal *A Imprensa*, que era um local privilegiado para informar aos católicos quais *males* precisavam ser combatidos. Dentre eles, estavam o materialismo, a maçonaria, o espiritismo e o protestantismo.

Para Ferreira (1994, p. 211), os espíritas e os protestantes não representavam, na Diocese da Paraíba, riscos para o catolicismo. Os pequenos grupos existentes eram marginalizados e até sofriam agressões verbais e corporais. Mesmo possuindo poucos adeptos,

[...] o protestantismo e o espiritismo também foram entendidos como males a serem condenados pela Igreja Católica paraibana durante as primeiras décadas do Século XX. O jornal *A Imprensa* noticiou que o Padre Júlio Maria chegou à capital da Paraíba em 30 de março de 1903, onde passou a realizar uma série de conferências na catedral, entre 02 e 26 de abril.[...] Na sua quinta palestra, intitulada “A Igreja e o preconceito racionalista, teológico e moral”, realizada em 16 de abril, ele “(...) refutou magistralmente os erros contra a autoridade da Igreja: o protestantismo e o racionalismo, sustentando contra o primeiro a

<sup>6</sup>A Diocese da Paraíba foi criada por meio da Bula *Ad universas orbis ecclesias*, que também criou as de Amazonas, Niterói e Curitiba. Ela possuía a área de 74.731 km<sup>2</sup> no estado da Paraíba e 57.485 km<sup>2</sup> no estado do Rio Grande do Norte e contava com uma população geral de 725.505 mil habitantes, distribuída em 77 paróquias, segundo Figueiredo (1906). A bula que a criou também tratava de outros assuntos, como as questões consideradas fundamentais para o funcionamento das novas dioceses: sua subordinação à Santa Sé, sua autonomia na busca de fundos para suas criações e manutenções, a criação e a administração de seminários, assim como sobre admissão dos alunos nesses centros” (Cf. FERREIRA, 1994, p. 62).

<sup>7</sup>Dom Adauto (1855-1935) nasceu em Areia-PB, em 30 de agosto de 1855. Era filho do Coronel Idelfonsiano de Miranda Henriques e Laurinda Esmeralda de Sá de Miranda Henriques, proprietários do Engenho Buraco. Segundo Lima, “(...) foi filho, neto e bisneto de senhores de engenho”, o que deixou marcas profundas em sua personalidade. Depois de ser alfabetizado por sua mãe, estudou até os dezenove anos em sua cidade natal, quando partiu para a Europa, onde fez o Curso de Humanidades no Seminário de S. Sulpício em Paris (1875-1876), o curso Superior em Teologia e o Doutorado em Direito Canônico no Colégio Pio Latino-americano, em Roma (1877-1882). Ordenou-se padre em 1880 e voltou para o Brasil em 1882. Foi nomeado professor no Seminário de Olinda, onde permaneceu até 1894, quando assumiu o bispado da Paraíba. (Cf. FERREIRA, 1994, p. 65-64)

necessidade e a realidade do magistério, e contra o segundo, a harmonia da fé com a razão” (CAVALCANTE NETO, 2014, p. 15).

Outra forma de se manter mais presente na sociedade e combater o protestantismo foi a utilização das *santas Missões*<sup>8</sup>. Na Paraíba, as santas Missões eram realizadas principalmente pelos freis capuchinhos, entre eles estavam o frei Damião e o frei Cipriano. Segundo Sylvestre (2014), as santas Missões perseguiram ferozmente os protestantes e, por onde passavam, deixavam marcas da intolerância. Muitos protestantes tiveram que fugir das suas cidades devido ao forte sentimento antiprotestante. Católicos eram instruídos a não comprarem, venderem ou alugarem qualquer coisa aos protestantes. Templos protestantes foram destruídos, pessoas foram espaçadas e assassinadas. E foram sobre essas circunstâncias que aconteceu o ataque à igreja adventista de Baixa Verde.

## 2 O Adventismo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) teve suas origens na primeira metade do século XIX nos Estados Unidos, com algo que ficou conhecido como movimento *milerita*<sup>9</sup>. Esse movimento surgiu no contexto de movimentos messiânicos<sup>10</sup>, que tinham como característica básica o inconformismo com as instituições religiosas já estabelecidas, como as

<sup>8</sup>Conforme Souza (2011), não se sabe ao certo quando se iniciaram as santas Missões, contudo está presente na comunidade cristã desde os tempos mais remotos. Uma das principais características das santas Missões era a pregação no momento de instrução que não se apegava demais as obrigações litúrgicas e possuíam linguagem de fácil acesso. Elas não faziam parte da estrutura política e eclesial, o que lhe dava liberdade para agir e adaptar-se de acordo com a necessidade de cada localidade. Mesmo com as variações regionais, ela “possuía três frentes distintas: a instrução religiosa que serve de instrumento preventivo contra as heresias, o combate aos prazeres da carne e aos vícios e finalmente a dimensão conciliatória que evita os conflitos ou concilia os desafetos como condição indispensável para a aproximação dos sacramentos” (SOUZA, 2011, p. 32).

<sup>9</sup>O movimento milerita surgiu através dos estudos de Guilherme Miller (William Miller, em inglês). Nas principais obras em português que trabalham esse movimento, o seu nome é escrito apenas com um único “L” ao invés de dois, mesmo ele sendo derivado do sobrenome Miller. Por isso, nesse trabalho será utilizada essa grafia. A principal obra em português que trabalha sobre esse movimento chama-se *Adventismo: Origem e impacto do movimento Milerita* (2015) de George Knight. Já em inglês, as principais obras são: *Days of Delusion* (1924) de Clara Endicott Sears, *The Midnight Cry* (1944) de Francis D. Nichol, *Midnight and Morning* (1983) de Clyde E. Hewitt e *The Miller Heresy, Millennialism, and American Culture* (1987) de Ruth Alden Doan.

<sup>10</sup>Segundo Monteiro (2010), os movimentos messiânicos possuem suas crenças fundamentadas na chegada de um redentor que restaurará a paz e a harmonia. Para Eliade (1989), os movimentos messiânicos surgiram e ganharam força em meio crises e ameaças externas. Os movimentos buscavam uma Era de Ouro, onde poderiam encontrar paz e tranquilidade. Eles também trazem consigo uma visão escatológica (apocalíptica), onde o mundo natural é destruído ou renovado e apenas os eleitos serão salvos. O movimento milerita encaixa-se nesses conceitos, pois pregava o fim do mundo com o retorno de Jesus, que purificaria a Terra e traria paz para aqueles que crescem no redentor prestes a vir.



Igrejas Presbiterianas, Batistas, Metodistas, Católicas etc. Segundo Oliveira Filho, esses movimentos

a) reivindicavam certa primazia de *iluminação* interior e do Espírito Santo, predominando não apenas sobre a Tradição, mas também sobre as próprias Escrituras; b) pregavam que a Revelação não poderia estar terminada e que, portanto, uma nova era, a era do Espírito, reclamava novos profetas e os forneceria; c) propunham, finalmente, realizar a Igreja como um mundo dentro do mundo, e sua recusa de relações com os poderes estabelecidos tinha por corolários a obrigação, para a sua Igreja, de se transformar mais ou menos numa autarquia econômico-política (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 157-158).

O movimento milerita tinha como seu principal propagador Guilherme Miller<sup>11</sup>, um fazendeiro, que após ter sobrevivido à guerra de 1812, entre os Estados Unidos da América e a Inglaterra, começou a duvidar do deísmo, por achar que só um milagre poderia ter feito-o sair do campo de batalha com vida. Em 1816, voltou a ser cristão, como na sua infância, e a estudar a bíblia.

Após algum tempo de estudo, ele se deparou com as profecias relacionadas ao tempo, como a do livro de Daniel capítulo 8:14<sup>12</sup> que se referia à purificação do santuário após duas mil e trezentas tardes e manhãs. Para Miller, a purificação do santuário seria a purificação do planeta Terra por intermédio da segunda vinda de Jesus e as tardes e manhãs seriam na verdade

<sup>11</sup> Guilherme Miller (1782-1849), William Miller em inglês, foi um fazendeiro nascido em Pittsfield, Massachusetts, Estados Unidos da América. Era de família batista, mas abandonou a religião de seus pais após mudar-se para Poultney, Vermont, e ter acesso a livros de autores deístas. Miller era influente e exerceu vários cargos importantes na sua cidade chegando a ser juiz de paz. Durante a guerra de 1812, entre Estados Unidos e Inglaterra, ele começou a questionar o deísmo, contudo só voltou ao cristianismo em 1816. Segundo Knight (2015), Miller retornou o estudo da bíblia para responder alguns questionamentos dos seus amigos deísta e concluiu que Jesus voltaria entre 1843 e 1844. Ele começou a divulgar seus estudos a partir de 1831, após um convite para pregar na igreja Batista de Dresden próximo à sua residência. Depois disso, passou um tempo pregando apenas em igrejas de cidades pequenas, porém Josué Vaughan Himes (1805-1895), pastor da Igreja Conexão Cristã de Boston, o ajudou a pregar nas igrejas das grandes cidades. Miller relutou em marcar uma data específica para o Advento (segunda vinda) de Jesus, mas, após muita pressão, ele disse que Jesus voltaria entre 21 março de 1843 e 21 de março de 1844. Quando a data marcada passou, algumas pessoas do movimento marcaram 22 de outubro, dia da festa judaica da expiação. Nesse dia, o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo do santuário celestial para limpá-lo. Inicialmente, Miller não aceitou a data, contudo próximo à data marcada, ele aceitou. A data novamente passou e nada aconteceu, Miller foi contrário a marcar uma nova data e de se organizar uma nova igreja. Para ele, os mileritas deveriam continuar em suas congregações, mas acreditando no breve retorno de Jesus sendo que ele mesmo se considerou batista até o final da sua vida.

<sup>12</sup> Daniel 8:14: “Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. O texto traz uma parte da conversa entre dois santos. Miller acreditava que a purificação do santuário seria a purificação da Terra com fogo mediante a segunda vinda de Jesus e que as 2300 tardes e manhãs seriam na verdade 2300 anos e iniciariam em 457, a data da saída da ordem para restaurar Jerusalém. De acordo com LeRoy Froom (1954), além de Miller, cerca de sessenta e cinco pessoas de vários continentes entre de 1800 e 1844 chegaram à conclusão de que o fim dessa profecia seria em algum momento entre 1843 e 1847. Porém, Miller diferia da maioria deles, pois associava o seu fim com a segunda vinda de Jesus.

dois mil e trezentos anos que teriam fim por volta de 1843 e 1844 (Ministério Jovem, 2004, p. 24).

Ele passou cerca de quinze anos para divulgar seus estudos e só iniciou após receber um convite para pregar em uma igreja próxima à sua residência. Depois disso, Miller recebeu vários convites para pregar e espalhar seus estudos sobre o breve retorno de Jesus.

Desde então, Guilherme Miller continuou a pregar, primeiro em áreas rurais perto de sua casa, depois em cidades maiores e grandes cidades, até que mais de 100.000 pessoas aceitaram a mensagem de um Salvador que logo viria. Suas primeiras mensagens incluíam os sinais da segunda vinda, especialmente o que já havia se cumprido em 1780 – O Dia Escuro de 19 de Maio. Logo, outro sinal miraculoso foi acrescentado: a queda das estrelas de 13 de novembro de 1833. Quando Josué V. Himes<sup>13</sup> se juntou a ele, Boston abriu as portas para o seu ministério. Mais tarde, em 1840, ele entrou na cidade de Nova Iorque. Miller estudou a profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8 e 9:35, e convenceu-se de que a purificação do santuário seria a purificação da Terra pelo fogo na segunda vinda de Cristo. Apesar de falar mais sobre a segunda vinda, só no avançar do ano de 1844 foi que ele aceitou uma data definitiva. Entretanto, em janeiro de 1843, ele falou que Cristo deveria voltar entre março de 1843 e março de 1844 (MINISTÉRIO JOVEM, 2004, p. 24).

O movimento cresceu e juntou pessoas de diversas denominações religiosas, ocasionando um reavivamento espiritual. Com o passar de março de 1844, algumas pessoas marcaram o retorno de Jesus para 22 de outubro de 1844. A princípio, Miller não concordou em marcar uma data precisa, mas com o aproximar do dia, ele a aceitou.

Finalmente chegou o dia 22 de outubro de 1844, os mileritas estavam reunidos em suas casas ou na casa dos líderes do movimento. Durante todo o dia, eles “cantavam hinos e revisavam as evidências de que o Senhor voltaria. O dia passou e o sol se pôs. Ainda havia esperança: ‘Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã.’ Marcos 13:35” (Ministério Jovem, 2004, p. 38).

---

<sup>13</sup>Josué Vaughan Himes (1805-1895) era um pastor da Igreja Conexão Cristã de Boston, que era ligado ao movimento abolicionista e a vários movimentos de reforma da sua época. Em 1839, Himes encontrou-se com Miller e o convidou a pregar em sua igreja e, após disso, juntou-se ao movimento milerita e tornou-se a segunda pessoa mais importante do movimento. Segundo Knigth (2015), Himes foi fundamental na divulgação do movimento, criando vários periódicos e estratégias de disseminação dos impressos do milerismo. Após 22 de outubro de 1844, ele se tornou o principal líder dos adventistas desapontados.

Passou a meia noite, mas nada aconteceu. Muitos abandonaram o movimento e, do grupo que restou, surgiu uma vertente que foi liderada por José Bates<sup>14</sup>, Tiago White<sup>15</sup> e Ellen Harmon<sup>16</sup>.

Esse grupo acreditava que a data estava correta, mas o evento estava incorreto. Jesus não deveria voltar em 22 de outubro de 1844, mas passar do lugar santo para *santíssimo* no santuário celestial. Desta forma, iniciaria o que para eles ficou denominado como *Juízo investigativo* e esse grupo futuramente tornar-se-ia a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

No final de 1844, Ellen Harmond começou a ter o que alguns consideraram como visões vinda dos céus<sup>17</sup>. Ela e algumas pessoas de confiança da família passaram a divulgar as visões. Em 1845, Tiago já estava viajando com ela e, em 1846, os dois casaram-se, fazendo com que Ellen recebesse o sobrenome White. Nesse mesmo ano, Bates une-se aos dois e os convenceu sobre a guarda do sábado como dia sagrado<sup>18</sup>.

Com o passar dos anos, o grupo foi crescendo e adquirindo casas publicadoras, templos, sanatórios e outros bens. Então surgiu a necessidade de possuir um nome e se organizar. Segundo Ellen White,

Aumentando o nosso número, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão, e a obra não seria levada avante com êxito. A organização era indispensável para prover a manutenção do

<sup>14</sup>José Bates (1792-1872) foi o único dos fundadores da IASD, que chegou a ter alguma proeminência no movimento milerita. Ele era marinheiro, chegou a ser capitão e obteve o próprio navio. Bates fazia parte da Igreja Conexão Cristã e uniu-se ao milerismo em 1839, após assistir uma palestra milerita e visitar Josué V. Himes para conhecer um pouco mais de Guilherme Miller. “Bates foi uma das 16 pessoas que fizeram a convocação para a primeira assembleia geral milerita, e, assim como Himes, [...] trabalhou na ‘comissão de preparo’ do evento. Ele também atuou como um dos diretores auxiliares da segunda assembleia geral” (KNIGHT, 2015, p.278). Ele se tornou o primeiro escritor e teólogo dos adventistas do sétimo dia.

<sup>15</sup>Tiago White (1821-1881) tinha 15 anos quando se uniu à Igreja Conexão Cristã e começou a participar do movimento milerita em 1842, após ouvir um sermão de Miller. Segundo Collins (2007), em algum momento entre 1844 e 1845, Tiago conheceu Ellen Harmon e começou a acompanhá-la, mais algumas pessoas de confiança da família Harmond, em algumas viagens de divulgação das suas visões. Em 1846, os dois se casaram e Ellen passou a usar o sobrenome White. Tiago exerceu várias funções dentro da igreja adventista, desde editor de vários periódicos a presidente da *Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia*, órgão máximo da igreja.

<sup>16</sup>Ellen Gould Harmon (1827-1915) era de família Metodista Episcopal, que se uniu ao movimento milerita em 1840, quando ouviram Miller pregar em Portland, Maine. Com a aproximação de 1844, a família Harmon foi eliminada do rol de membros da igreja devido às suas crenças mileritas. No final de 1844, Ellen começou a receber visões e falou sobre elas a um grupo que se reunia nas suas casas. Após isso, ela passou a viajar para divulgar as suas visões. Em algum momento entre 1844 e 1845, ela conheceu Tiago e os dois casaram-se em 1846. Ela foi considerada pelos adventistas como uma profetisa moderna e suas visões deveriam ser escritas e serviriam como conselhos. Após a morte de Tiago, em 1881, ela morou na Europa e na Austrália com intuito de ajudar no desenvolvimento da IASD nessas localidades.

<sup>17</sup>Segundo os conceitos de Mircea Eliade (1992), o grupo seria guiado por um tipo de hierofania. O sagrado manifestava-se através das visões de Ellen White.

<sup>18</sup>Segundo Mircea Eliade (1992), o tempo para o homem religioso não é homogêneo. Para os guardadores do sábado, este dia é considerado santo, separado por Deus para atividades filantrópicas e voltadas ao divino como cultos, visitas missionárias a hospitais, a presídios, etc.

ministério, para levar a obra a novos campos, para proteger dos membros indignos tanto as igrejas como os ministros, para a conservação das propriedades da igreja, para publicação da verdade pela imprensa e para muitos outros fins (WHITE, 2005, p. 22).

Mesmo com a necessidade de se organizar, havia resistência dentro da própria igreja. Conforme Ellen White,

[...] havia, no entanto, entre nosso povo, um forte sentimento contrário à organização. Os adventistas do primeiro dia (domingo) opunham-se à organização, e a maior parte dos adventistas do sétimo dia (sábado), entretinha as mesmas ideias. Buscamos o Senhor em oração fervorosa para que pudéssemos compreender Sua vontade; e Seu Espírito nos iluminou, mostrando-nos que deveria haver ordem e perfeita disciplina na igreja, e que era essencial a organização. Método e ordem manifestaram-se em todas as obras de Deus, em todo o Universo. A ordem é a lei do Céu e deveria ser a lei do povo de Deus sobre a Terra. Tivemos uma árdua luta para estabelecer a organização. Apesar de o Senhor dar testemunho após testemunho a tal respeito, a oposição era forte, e teve de ser enfrentada repetidas vezes. Sabíamos, porém, que o Senhor Deus de Israel nos estava dirigindo e guiando pela Sua providência. Empenhamo-nos na obra da organização, e uma evidente prosperidade acompanhou esse movimento progressista (WHITE, 2005, p. 22).

Essa resistência na organização é um resquício do movimento milerita. Segundo Knight (2015), os mileritas acreditavam que nenhuma igreja poderia organizar-se sem se tornar babilônia. A babilônia era símbolo de confusão espiritual e apostasia, desta forma, para muitos adventistas, a organização faria com que esse crescente grupo abandonasse a sua fé e se tornasse pagã. Contudo, a não organização poderia causar o fim do movimento.

Desta forma, na década de 1860, o grupo passou a ser chamado de Igreja Adventista<sup>19</sup> do Sétimo Dia<sup>20</sup> e conseguiu organizar-se. Na década de 1870, começaram a enviar missionários para outros continentes<sup>21</sup>. Conforme Borges (2005), dentre os missionários enviados, dois deles encontraram em um navio europeu um jovem chamado Borchardt, que estava fugindo do Brasil por pensar que havia matado um homem durante uma briga.

<sup>19</sup>Adventista por pregar a segunda vinda (advento) de Jesus.

<sup>20</sup>Sétimo dia por separar o sábado para trabalhos missionários e filantrópicos.

<sup>21</sup>Para mais informações sobre a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia a nível mundial, são sugeridas as seguintes obras: *História do Adventismo* (1982) de C. Mervyn Maxwell, *Uma Igreja Remanescente* (2005) de Ellen White, *O Grande Movimento Adventista* (2014) de J. N. Loughborough e *Uma Igreja Mundial* (2000) de George Knight.

Os missionários perguntaram para o jovem se ele conhecia alguém no Brasil que se interessaria por literatura cristã e ele passou o endereço do seu padraсто, Carlos Dreefke, na vila de imigrantes alemães de Brusque em Santa Catarina. Deste momento em diante, as ideias adventistas começaram a se espalhar no Brasil<sup>22</sup>. O primeiro batismo em terras brasileiras só aconteceu em 1895, sendo Guilherme Stein Junior<sup>23</sup> o primeiro brasileiro batizado. Este exerceu forte liderança no início da expansão do adventismo no Brasil, pois falava português e alemão e compreendia um pouco de inglês de acordo com Carvalho (2014).

### 3 O início do adventismo na Paraíba

Apenas em setembro de 1911, tem-se o registro de adventistas residindo na Paraíba. John Lipke<sup>24</sup> divulgou a chegada do adventismo com estas palavras:

---

<sup>22</sup>Para mais informações são sugeridas as seguintes obras: *A chegada do Adventismo ao Brasil* (2000) de Michelson Borges e *Terra de Esperança: O Crescimento da Igreja Adventista na America do Sul* (2011) de Floyd Greenleaf.

<sup>23</sup>Guilherme Stein Júnior (1871-1957) foi professor, redator, escritor, erudito e primeiro adventista batizado no Brasil. Nasceu no dia 13 de novembro de 1871, em Campinas, SP. Filho de imigrantes suíços e alemães luteranos. Casou-se com Maria Khähenbühl, em 1892, nascida no dia 13 de dezembro de 1879 em Piracicaba, filha também de imigrantes suíços e alemães luteranos, e da união conjugal nasceram três filhos: Guilherme, Waldemar e Alice Irene. Foi batizado em abril de 1895, pelo Pr. Francis F. Westphal no Rio Piracicaba. No ano seguinte ao seu batismo, ingressou no trabalho adventista, primeiramente como colportor. No ano de 1896, juntamente com sua esposa, foram para Curitiba, onde trabalharam como professores no Colégio Internacional, considerado o primeiro Educandário Adventista no Brasil. Dois anos mais tarde, foram para Brusque, SC, a fim de estabelecer a primeira escola paroquial adventista do Brasil. Foi transferido para Santos em 1899, como evangelista e obreiro bíblico. Em 1900, mudou-se para o Rio de Janeiro, e iniciou ali a publicação da primeira Revista Adventista missionária no Brasil: O Arauto da Verdade, da qual foi seu primeiro redator, mantendo as funções de obreiro bíblico e colportor. Do Rio de Janeiro, foi para a Casa Publicadora Brasileira (CAB), onde atuou como redator, tradutor e editor, até sua aposentadoria, em 1918. Era um estudioso das línguas. Conhecia cerca de 40 línguas, dentre as quais: sumério, egípcio e numerosas línguas indígenas da América. Foi professor de línguas no Colégio Piracicabano e ali também exerceu a função de conselheiro pastoral. Faleceu no dia 5 de outubro de 1957, sendo sepultado em Indaiatuba, SP (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020a).

<sup>24</sup>Pioneiro da obra educacional e obra médica. Nasceu no dia 27 de julho de 1875, em Berlim, Alemanha. Frequentou o Seminário Teológico em Hamburgo, entrando em seguida na obra da colportagem, tendo como chefe o pastor Frederico Spies. Em 1896, partiu para os Estados Unidos, onde se dedicou ao mesmo trabalho. Em 1897, continuou seus estudos no Colégio de Battle Creek, em Michigan, onde se casou com Augusta Schuete. Criou dois filhos adotivos: Daniel e Berta. Em 1897, terminados seus estudos, recebeu um chamado para o Brasil, onde exerceu a profissão de professor no Rio Grande do Sul, na escola primária localizada em sua casa. Depois de um ano, foi chamado para Gaspar Alto, SC, onde fundou o primeiro colégio missionário. No ano seguinte, foi ordenado ao ministério e eleito diretor do campo. Em 1904, mudou-se para São Paulo, a fim de dirigir um instituto de colportagem. Em 1910, foi enviado à Bahia, onde trabalhou três anos. Retornou em 1915 para São Paulo, onde assumiu a presidência da Missão Paulista, em 1915. Neste período, atuou como primeiro diretor do Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Unasp-SP, apoiado por John Boehm, fundador e primeiro administrador. No colégio, construiu o primeiro prédio da escola, o antigo dormitório dos rapazes e o prédio escolar, com a cozinha e o refeitório no subsolo. Empenhou-se também na fundação da Casa Publicadora Brasileira (CPB). Em 1918, recebeu um convite para a presidência da Missão Rio-Grandense e, em 1920, retornou aos Estados Unidos, prosseguindo seus estudos em Medicina, em Loma Linda, Califórnia, formando-se em 1925. No ano seguinte, 1926, voltou ao Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão de médico até contrair o mal de Parkinson. Em 1935,

De um modo interessante<sup>25</sup> a verdade deu entrada no estado da Parahyba. Um dos nossos irmãos, que na cidade de Recife, Pernambuco não podia achar um emprego onde pudesse guardar o sábado, achou finalmente um emprego por um conhecido dele, um chefe da Estrada de Ferro no estado da Parahyba. Durante 3 meses, este irmão era o único que guardava o sábado no estado da Parahyba. Depois dele, o patrão deste irmão começou também a guardar o sábado e agora ha ali 15 pessoas que guardam o sábado no estado da Parahyba. Três delas estão batizadas como adventistas do sétimo dia. Conforme o seu desejo, eu os visitei em Pípirituba, Parahyba. Eu fui o primeiro pregador protestante que veio a este lugar (LIPKE, 1911, p. 12).

A divulgação do adventismo no estado foi ocasional devido à necessidade de emprego de um de seus membros. Em alguns meses, tal membro conseguiu 15 adeptos para a instituição, iniciando em Pípirituba, PB (distante 104 Km da capital João Pessoa), o primeiro grupo de adventistas do estado. Das 15 pessoas que estavam nesse grupo, apenas 3 eram batizadas. Segundo Lipke (1911, p. 12), o restante precisava de mais tempo para se preparar para o batismo, pois “quando se batiza pessoas muito depressa sem estarem bem preparadas e conhecerem bem a verdade, prejudica a causa”.

A conquista na Paraíba teve repercussão internacional, sendo notícia em outros periódicos da igreja. Em um deles, F. W. Spies<sup>26</sup> escreveu:

---

mudou-se para São Paulo. Faleceu no dia 18 de junho de 1943, aos 69 anos de idade, em São Paulo, SP, vítima do mal de Parkinson (RITTE, 1943, p. 25).

<sup>25</sup>A expressão “de um modo interessante” pode ser explicada pelo fato de que os adventistas utilizam algumas estratégias para se instalar em um novo território como, por exemplo, a colportagem e a instalação de escolas primárias, porém na Paraíba nenhuma delas foi utilizada.

<sup>26</sup>Frederico Weber Spies (1866-1935) foi um missionário, pastor e administrador. Nasceu no dia 29 de junho de 1866, na Filadélfia, Pensilvânia, EUA. Converteu-se ao adventismo aos 22 anos de idade. Casou-se com Isadora Read em 1892, e da união conjugal nasceu uma filha: Mabel. Logo depois de sua conversão, dedicou-se à colportagem, e, quatro anos mais tarde, foi chamado à Alemanha como diretor de colportagem. Em 1896, foi convidado pela Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia a trabalhar como missionário no Brasil. Antes de sua partida, foi consagrado para a obra do ministério. O trabalho dos adventistas do sétimo dia era então pouco conhecido no Brasil, e o pastor Spies e sua esposa foram pioneiros entre os que aqui vieram disseminar a mensagem adventista. Dedicou-se inicialmente ao ministério e trabalho bíblico nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, e em 1900 foi chamado para Santa Catarina, onde fixou residência, trabalhando não somente neste Estado, mas também no Paraná e no Rio Grande do Sul. Em 1903, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, onde foi convidado a dirigir a obra dos adventistas a nível nacional. O trabalho desenvolveu-se de tal maneira que, em 1917 tornou-se necessária a divisão do território brasileiro em duas Uniãoes: União Sul-Brasileira e União Este-Brasileira. O pastor Spies presidiu ambas as Uniãoes. O casal Spies foi transferido em 1923 para a União Este, com sede no Rio de Janeiro. Em 1927, fixou residência em São Bernardo, onde gerenciou a Casa Publicadora Brasileira até 1932. Embora sendo aposentado em princípios de 1933, manteve-se ativo, dedicando-se mais a escrever artigos com mensagens de conforto e animação, e a cuidar da igreja alemã em São Paulo, onde esteve presente até o último sábado de sua vida. Numa segunda-feira pela manhã, enquanto lia sentado à mesa, teve uma síncope cardíaca, caindo da cadeira e ficando paralisado. Faleceu no dia 31 de julho de 1935, aos 69 anos de idade, em Santo André, SP. (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2018).

Em uma carta recente do Élder John Lipke, superintendente da Missão do leste do Brasil, ele diz: 'Há agora três membros na Parahyba, e outros guardam o sábado lá, e desejam ser batizados. Isso significa que a verdade do sábado ganhou um novo estado, e que a mensagem está avançando mais ao norte em direção à região amazônica. Mas a Parahyba faz parte da Missão Norte do Brasil. O Élder Lipke tem tanto a fazer quanto dois homens podem, mas como não há ministro em toda a Missão do Norte do Brasil, um campo composto de muitos estados e mais da metade do território brasileiro, e como não pude ir a Parahyba, chamei o Élder Lipke para visitar as almas interessadas. E de qualquer modo, estamos muitas vezes perplexos, sem saber o que fazer? E é de admirar que, às vezes, anos passem e almas que começaram a obedecer à mensagem esperem, rezem e imaginem se chegará um dia que um ministro vai ir ajudá-los? (SPIES, 1911, p. 24).

O relato de Spies mostra a dificuldade por existirem poucos ministros (pastores) para trabalhar no território brasileiro e o objetivo de crescer cada vez mais para o norte, já que a expansão da igreja foi do Sul para o Norte do país. O relato também servia para atrair interessados norte-americanos para o Brasil, já que a mão de obra missionária estava em falta.

#### 4 O ataque a igreja de Baixa Verde através de Nigri

Era dia 23 fevereiro de 1940, o pastor Moyses S. Nigri encontrou-se com Jerônimo Garcia<sup>27</sup> e Jacob Kroeker<sup>28</sup> na estação de Campina Grande, para se dirigirem no dia seguinte à

<sup>27</sup>Jerônimo Granero Garcia (1903-1974) foi pastor, evangelista, professor e administrador. Nasceu no dia 30 de setembro de 1903, em Cuenca, perto de Madri, Espanha. Ainda quando pequeno, o pai faleceu e a mãe decidiu mudar-se para o Brasil e, em seguida, para Cuba. Ali, Jerônimo teve o primeiro contato com a mensagem adventista, estudando, por algum tempo, em um colégio adventista, em regime de internato. De volta ao Brasil, Jerônimo decidiu aceitar a fé adventista mesmo contra a vontade da mãe. Veio para o Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Unasp-SP, em 1920, formando-se em dezembro de 1925, como presidente da turma. Iniciou sua carreira ministerial empreendendo séries de conferências evangelísticas no Bairro do Brás (1926), em São Paulo; em Mogi-Mirim, SP (1927); em Campinas, SP (1930). Em 1931 dirigiu-se a Ribeirão Preto, SP, onde ali iniciou o trabalho de evangelização da cidade. Depois, dirigiu-se à capital paulista onde trabalhou em alguns departamentos da Associação Paulista, atual Associação Paulistana. No ano seguinte foi chamado para o Rio Grande do Sul, e ali atuou como pastor-evangelista no município de Santa Maria. Seu próximo trabalho deu-se entre os anos de 1934 e 1935 em Porto Alegre, onde dirigiu uma campanha evangelística no centro da cidade e outra no Bairro São João. Em 1935 Jerônimo foi chamado para assumir a presidência da Missão Nordeste e ali permaneceu até 1940, ano em que retornou a São Paulo como professor e vice-diretor do CAB. (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2019).

<sup>28</sup>Jacob Kroeker era um missionário e colportor pioneiro. Chegou ao Brasil em oito de julho de 1908, vindo dos Estados Unidos, época em que F. W. Spies era presidente do campo brasileiro. Seu primeiro campo de trabalho foi em São Paulo, na linha Sorocabana. Assumiu a direção da Conferência Santa Catarina-Paraná no lugar de Emílio Høezle. Permaneceu nesse campo por um ano, retornando ao campo paulista em 1911. Serviu também como presidente do campo paranaense, sendo eleito em 1912. Além de atuar como missionário no Sul do país, Kroeker empreendeu também um trabalho pioneiro no Nordeste, morando durante algum tempo em Recife, PE. Em 1921 visitou Condessas, Vasco, Pau Santo, Contenda, Guarita, Santa Maria, Lagoa Funda, Pedra Fina e Campestre. No Estado da Paraíba, levou a mensagem adventista a Riacho Fundo, São José das Pombas e organizou um grupo em São José dos Cordeiros; em Cabaceiras, organizou uma Escola Sabatina e deixou em Poço Fundo e

igreja adventista de Baixa Verde. Segundo Nigri (2014), nessa região iria ser inaugurada uma Escola Adventista<sup>29</sup> de nível primário, pois havia muitas crianças no local que eram filhos de adventistas e que precisavam de instrução.

Ao chegar à cidade, disseram-lhe que alguns católicos não gostaram da inauguração de uma nova escola e haviam prometido agredir quem se dispusesse a ir ao culto no sábado seguinte (dia 24 de fevereiro). Além disso, também soube através de Luís Pereira<sup>30</sup> que um interessado<sup>31</sup> teria sofrido uma agressão do padre Oscar Cavalcanti<sup>32</sup> e de alguns católicos de Queimadas<sup>33</sup>.

Ciente desses acontecimentos, os três foram ao delegado de Campina Grande<sup>34</sup> comunicar o que tinha se passado e pedir garantias quanto à liberdade de culto. Este lhes deu um papel que deveria ser entregue ao sargento de Queimadas<sup>35</sup>. Sábado, bem cedo, foram a Queimadas e entregaram o cartão para o sargento, este disse que “se a lei mandasse perseguir os protestantes, ele assim o faria; mas como a lei garantia a liberdade religiosa, ele também a garantiria” (NIGRI, 2014, p. 63). Depois disso, despediram-se dele e foram em direção a Baixa Verde.

No caminho encontraram um altar recém-construído, onde estava escrito “Deus nos livre da nova seita”<sup>36</sup> (NIGRI, 2014, p. 63). Chegando a Baixa Verde, foram visitar alguns

---

Brejo da Madre de Deus um bom grupo de crentes. Jacob Kroeker serviu durante muitos anos no campo brasileiro, e sua atuação foi deveras importante como colportor, evangelista e missionário nos primórdios da obra adventista no Brasil (MEMÓRIA ADVENTISTA, 2020b).

<sup>29</sup>Segundo Garcia (1940), além de inaugurar a escola, eles iriam fazer uma visita pastoral.

<sup>30</sup>Luiz Pereira era um fazendeiro rico que seu converteu ao adventismo junto com Sindolfo Barbosa e Antonio Bezerra na década de 1920. Na década de 1930, ele comprou e reformou um prédio no sítio Baixa Verde para ser o primeiro templo adventista da região e a primeira escola primária adventista da Parahyba. Foi em sua propriedade que aconteceram os primeiros batismos da igreja adventista na região que atualmente pertence a região Metropolitana de Campina Grande.

<sup>31</sup>Esta era forma que eram chamados aqueles que se interessavam pelas crenças adventistas e de acordo com Garcia (1940), este interessado chama-se José Campos e ele sofreu um ataque na vila de Fagundes.

<sup>32</sup>Padre Oscar Cavalcanti (1890-1963) foi padre coadjutor da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Campina Grande até 1928, Pároco de Fagundes de 1928 a 1944 e de Queimadas de 1944 a 1963 (TATAGUASSU, 2011). Ele faleceu em 1963, assassinado com várias facadas e pedradas pelo filho adotivo Inácio após uma discussão (CAMPINA GRANDE, 1963, p. 3). Em 1940, a capela de Queimadas pertencia à paróquia de Fagundes que tinha como pároco Oscar Cavalcanti. No mesmo final de Semana que houve a inauguração da escola adventista, estava acontecendo às *santas Missões* na capela de Queimadas sendo que o padre Oscar e o frei Cipriano (frei capuchinho que fazia parte da comitiva de frei Damião) estavam organizando-a.

<sup>33</sup>Na época, Queimadas era uma vila situada em na cidade de Campina Grande e Baixa Verde era um sítio dessa vila.

<sup>34</sup>O delegado chamava-se tenente Cezariano, conforme Garcia (1940).

<sup>35</sup>O sargento era subdelegado e chamava-se Luiz, de acordo com Garcia (1940).

<sup>36</sup>Nigri (1964a) relata outras duas inscrições: “abaixo novas-seitas” e “morrão os protestantes”.



membros<sup>37</sup>, que novamente lhes avisaram do possível ataque. Contudo, preferiram seguir conforme o planejado e todos foram juntos para o local onde seria o culto e as instalações da escola.

Iniciaram então o culto e quando terminaram de cantar o primeiro hino, José Luis avisou que um grupo de católicos estava aproximando-se do prédio. Contudo, continuaram como se nada estivesse acontecendo até que “cerca de 300 pessoas começaram a gritar às portas do salão, procurando agredir os que ali estavam. Jogavam pedras e gritavam vivas ao padre Oscar Cavalcanti e à Igreja Católica. Aos adventistas, ofendiam com palavras como ‘nova seita’<sup>38</sup>, ‘coisa ruim’ e ‘diabo’” (NIGRI, 2014, p. 63).

Parecia que a situação piorava cada vez mais, pois

Homens e mulheres ensandecidos gritavam até ficarem roucos e rasgavam as próprias roupas em sinal de raiva e protesto. Alguns choravam de ódio e alguns até desmaiaram. Dentro do salão orávamos aflitos, enquanto a confusão aumentava do lado de fora. Um interessado que estava com a esposa e quatro filhos ficou irritado e tirou um facão da cintura na intenção de partir para cima dos manifestantes. Argumentei com ele e o demovi de suas ideias, pois seria um desastre se alguém se ferisse (NIGRI, 2014, p. 63).

Após duas horas de agressão, Jerônimo pediu a Nigri que fosse comunicar ao sargento de Queimadas o que estava acontecendo. Entretanto, chegando ao local, havia apenas um guarda que falou que não poderia sair da delegacia para não deixar a cidade vulnerável<sup>39</sup>. Ele voltou para Baixa Verde e contou o que havia acontecido, então começaram a tentar entrar em acordo com os agressores.

Conseguiram identificar três homens<sup>40</sup> que pareciam chefiar o grupo e combinaram em fechar o salão para a multidão ir embora. “Tudo parecia estar se acalmando quando, de repente, alguns adventistas que deixavam o salão com suas bíblias e hinários foram atacados pelos católicos, que rasgavam os livros<sup>41</sup> e gritavam palavras de ordem aos demais” (NIGRI, 2014, p. 64).

<sup>37</sup>Segundo Garcia (1940), foram à casa de Severino Venâncio Sobrinho e depois à casa de Luiz Pereira onde ficaram hospedados.

<sup>38</sup>Segundo Vasconcelos (2005), o termo nova seita foi utilizado no nordeste brasileiro como uma forma pejorativa de chamar os protestantes até o final da primeira metade do século XX.

<sup>39</sup>Para Nigri (1964b), parecia que o delegado e o subdelegado estavam em conluio com o padre Oscar e a multidão.

<sup>40</sup>O nome de dois deles eram Manoel de tal e João Bezerra, conforme Garcia (1940).

<sup>41</sup>Segundo Simões (2008), as bíblias protestantes eram tidas como adulterados e por isso, algumas vezes, eram recolhidas para serem queimadas nas praças públicas.

Para se evitar que alguma coisa acontecesse com os adventistas, os livros foram colocados em uma caixa no salão. Um dos líderes da multidão pediu para ela recuar, entretanto, “os manifestantes formaram um corredor em frente ao salão e concordaram em permitir a saída dos adventistas, que deveriam atravessar o corredor até o outro lado da rua, onde ficava o bar” (NIGRI, 2014, p. 64).

Pouco a pouco, as famílias saíram sem as bíblias do prédio, ficando apenas Nigri para fechar as portas. Ele não quis colocar sua bíblia na caixa junto com as outras, pois ficou com medo de não a ter novamente e, ademais, ela possuía um valor sentimental muito grande e vários esboços de sermões. Então, ele a colocou, junto com seus outros livros, debaixo do braço e saiu do prédio. Contudo, uma mulher que participava do ataque viu que ele estava com a bíblia e avisou os outros e, segundo Nigri,

Enfurecidos, partiram para cima de mim, batendo-me no rosto e nos braços. Ajoelhei-me e protegi meus pertences entre as pernas. As mulheres manifestantes cravaram as unhas no meu rosto fazendo escorrer sangue e alguns homens tentaram me segurar para que outros pudessem me bater. Três homens que estavam sentados no bar e nada tinham que ver com aquilo foram em meu auxílio e me salvaram do ataque (NIGRI, 2014, p. 64-65).

Depois disso, a multidão foi embora e continuaram o culto na casa de um adventista. Nigri e Jerônimo ficaram em Baixa Verde até à tarde do domingo e não houve mais incidentes. Quando o sargento chegou a Queimadas, o comunicaram do que havia acontecido e ele garantiu que isso não iria se repetir. Mesmo depois do ataque, o culto continuou sendo realizado no mesmo lugar e a escola foi inaugurada e chegou a ter cem alunos, segundo Nigri (2014).

### Considerações finais

A narrativa de Nigri sobre o ataque à igreja adventista de Baixa Verde revela detalhes importantes que servem para entender o contexto histórico-cultural da época. Ela retrata o ataque a uma igreja protestante durante o processo de romanização e restauração católica. Motivados pelo espírito antiprotestante, característico dessa época, um grupo dirigiu-se ao prédio da citada igreja, apedrejou-a, rasgou algumas bíblias e hinários e agrediram ao pastor.

É possível detectar as representações negativas feitas pelos católicos sobre os protestantes, tais como *coisa ruim* e *diabos*. Esse tipo de representação, comum no imaginário antiprotestante, tinha como base o medo, pois o protestantismo supostamente teria surgido da

influência exercida pelo diabo a Lutero e seus ensinamentos não provinham de Deus, mas de satanás. Sendo assim, aqueles que aceitassem os ensinamentos protestantes, pertenciam ao diabo.

O ataque às pessoas com as bíblias e ao pastor Nigri possivelmente foi motivado pelo escárnio do antiprotestantismo. A bíblia protestante era tida como adulterada e proveniente do demônio, enquanto a católica, verdadeira e vinda de Deus. As bíblias adulteradas deveriam ser destruídas para que ficassem apenas as verdadeiras. Os pastores eram retratados como ignorantes, caluniadores, exploradores, etc. Enquanto os padres eram representados como cultos, respeitadores, pessoas de bem. Nigri além de estar com a bíblia, ele tinha um agravante, era pastor.

Como o ataque aconteceu durante as santas Missões, ele remonta o período em que as santas Missões, muitas vezes lideradas por freis capuchinhos, peregrinava pelo estado da Paraíba. Elas, apesar de reafirmar a identidade católica, buscavam aproximar os fiéis aos sacramentos e combater as heresias e os prazeres da carne. Na sua luta contra as heresias, perseguiram os protestantes ocasionando ataques a templos religiosos e perseguição a pessoas.

O ataque à igreja adventista de Baixa Verde foi fruto do seu tempo. A romanização e a restauração católica aumentaram o espírito antiprotestante. Esse espírito foi intensificado pelas Santas Missões, que passava por Queimadas na mesma semana da inauguração da escola. O estado da Paraíba também passava por uma forte repressão aos protestantes através das realizações das Santas Missões, que por onde passava deixa um rastro de intolerância religiosa. Portanto, este ataque foi apenas mais um ato de intolerância religiosa no interior da Paraíba.

### Referências Bibliográficas

BÍBLIA, A.T. Daniel. In: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BORGES, Michelson. **A chegada do adventismo ao Brasil**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CAMPINA GRANDE. **Correio da Paraíba**, v. X, n. 290, p. 3, 28 de Jul, 1963.

CARVALHO, Francisco Luiz Gomes de. A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: inserção e desenvolvimento institucional. **PistisPrax.**, v.6, n.3, p. 1057-1075, 2014.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. A igreja católica na Paraíba republicana: romanização e “males” a ser combatido. **Revista Paraibana de História**, v. 1, n. 1, p. 8-18, 2º semestre, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Miraflores: Difel, 2002.

DIAS, Roberto Barros. **“Deus e a Pátria”**: Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

ELIADE, Mircea. **Origens: história e sentido na religião**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **Sagrado e Profano**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FALECIMENTOS. **Revista Adventista**. v.105, n.1223, p. 37, 2010.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Igreja e Romanização: implementação da Diocese da Paraíba (1894/1910)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

FIQUEIREDO, Francisco Severiano. **Diocese da Parahyba**. Parahyba: A Imprensa, 1906.

FROOM, LeRoy Edwin. **The prophetic faith of our Fathers: The historical development of prophetic interpretation**. 1. ed. Washington D. C.: Review and Herald, 1954.

GARCIA, J. G. Pelos seus frutos o Conheceréis. **Revista Adventista**, v. 35, n. 5, p. 10 - 11, 1940.

GONÇALVES, Carlos Barros. As polêmicas antiprotestantismo nas primeiras décadas do século XX: Cuiabá 1926, 1927. **Fronteiras**, v. 12, n. 21, p. 151-178, 2010.

GREENLEAF, Floyd. **O crescimento da igreja adventista na América do Sul**. 1. ed. Tatuí: casa publicadora brasileira, 2011.

KNIGHT, George. **Uma igreja mundial: Breve história dos adventistas do sétimo dia**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KNIGHT, George. **Adventismo: Origem e impacto do movimento Milerita**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

LIPKE, John. Do campo: missão este-brasileira. **Revista Mensal**, v.6, n.9, p. 10, 1911.

LOUGHBOROUGH, J. N. **O grande movimento Adventista**. 3. ed. São Paulo: Editora dos Pioneiros, 2014.

MALATIAN, T. M. A biografia e a história. **Cadernos CEDEM**, Marília-SP, v. 1, n. 1, p. 23-24, 2008.

MAXWELL, C. Mervyn. **Conte Isso ao Mundo: História do Adventismo**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Frederico Weber Spies**. 2018. Disponível em: [http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Frederico\\_Weber\\_Spies](http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Frederico_Weber_Spies). Acesso em: 24/10/2018.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Jerônimo Granero Garcia**. 2019. Disponível em: [http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jer%C3%B4nimo\\_Granero\\_Garcia](http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jer%C3%B4nimo_Granero_Garcia). Acesso em: 04/11/2019.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Guilherme Stein Júnior**. 2020a. Disponível em: [http://www.memoriaadventista.-com.br/wikiasd/index.php?title=Guilherme\\_Stein\\_Jr](http://www.memoriaadventista.-com.br/wikiasd/index.php?title=Guilherme_Stein_Jr). Acesso em: 06/05/2020.

MEMÓRIA ADVENTISTA. **Biografia de Jacob Kroeker**. 2020b. Disponível em: [http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jacob\\_Kroeker](http://www.memoriaadventista.com.br/wikiasd/index.php?title=Jacob_Kroeker). Acesso em: 05/05/2020.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9 -24, 1994.

MISTÉRIO JOVEM. **Nossa Herança: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia para o Ministério Jovem**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

MONTEIRO, Felipe Pinto. Messianismo, Milenarismo e Catolicismo (Popular) no Discurso Intelectual das Ciências Humanas e Sociais: Apontamentos Preliminares para uma Questão Conceitual. **Revista de Teoria da História**, v. 2, n. 4, p. 84-116, 2010.

NIGRI, M. S. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. v. 59, n.10, p.16-18, 1964a.

NIGRI, M. S. A perseguição de Baixa Verde. **Revista Adventista**. v. 59, n.11, p.22-24, nov., 1964b.

NIGRI, M. S. **Sem fronteiras: a envolvente história de um homem que marcou época**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**, v.52, n.18, p. 157-179, 2004.

PIEDRA, Arturo. **Evangelización protestante em América Latina: análisis de las razones que justificaron y promovieron la expansión protestante**. Quito: CLAI, 2002. v. 2.

RITTE, Germano G. O Fim da Jornada: Dr. John Lipke. **Revista Adventista**, v. 38, n. 8, 1943.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira**. São Luís: Edufma, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social de Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e Diferença**. Petrópolis: vozes, 2008. p. 73-102.

SIMÕES, Daniel Soares. **O rebanho de Pedro e os filhos de Lutero: o Pe. Júlio Maria De Lombaerde e a polêmica antiprotestante no Brasil (1928- 1944)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SOUSA JUNIOR, José Pereira. **Estado laico, Igreja romanizada na Paraíba republicana: relações políticas e religiosas (1890 – 1930)**. Tese (doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SOUZA, Valdemir de França. **De volta para o Passado? Uma análise crítica da reproposição das “santas missões santas missões populares” no século XXI**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011.

SPIES, F. W. Nota sem título. **The Advent Review and Sabbath Herald**, v.88, n.51, 1911.

SYLVESTRE, Josué. **Fatos e personagens de perseguição a evangélicos: Antes que as marcas se apaguem**. Curitiba: Editora Mensagem, 2014.

TATAGUASSU. **Datas queimadenses**. 2011. Disponível em: <http://tataguassu.blogspot.com/2011/03/datas-queimadenses.html>. Acesso em: 25/04/2019.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **Os novas-seitas: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel-Pernambuco e Paraíba (1893-1936)**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

WHITE, Ellen G. **A Igreja Remanescente**. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

Recebido em: 11/02/2020  
Aprovação em: 21/12/2020

RLAH  
Agosto/Dezembro de 2022

